

BLUMENAU

em Cadernos



TOMO V — MAIO DE 1962 — N.º 5

SUL FABRIL S/A

MALHARIA E CONFECÇÕES

Produtos de Maior Preferência no Gênero

"CAMISAS SUL FABRIL"

A MARCA QUE CONQUISTOU RENOME

FABRICA E ESCRITÓRIO :

RUA ITAJAÍ, 948

CAIXA POSTAL, 243

TELEFONE, 1125

TELEGRAMAS : "SULFABRIL"

BLUMENAU - Santa Catarina

BLUMENAU em CADERNOS

TOMO V — MAIO — 1962 — N.º 5

PRIMEIROS CASAMENTOS DE ALEMÃES EM FLORIANÓPOLIS

Almirante Lucas A. BOITEUX

Graças à nímia gentileza e boa vontade do finado Monsenhor Francisco Topp, de benemérita memória, que, como zeloso vigário da capital, salvou de perda irreparável e quase total os remanescentes do precioso arquivo eclesiástico de sua paróquia e de algumas vizinhas, alcancei folhear vários dos veneráveis livros restaurados de batismo, casamentos e defunções; e, assim, ir enriquecendo um modesto trabalho genealógico, que tomara a peito organizar sob o título, talvez pomposo de "Prosápia Catarinense".

Em as salteadas buscas realizadas, aguçou-me a curiosidade de saber qual o alemão (diga-se, de passagem, que meus filhos, pelo costado materno, têm gotas de sangue de um Karl Wilhelm Schmidt, bravo soldado prussiano), que iniciou a lista de casamentos de seus patrícios em Florianópolis e, provávelmente, no Estado.

E, ao percorrer os livros dos assentamentos matrimoniais, os mais completos do referido arquivo, deparei com um certo tudesco, *João Guilherme* (Hans Wilhelm) *Wayner*, natural do Palatinado (não diz se do Alto ou Baixo), filho de Jacob Wayner e de Isabel Hoffmann, tomando por espôsa, a 26 de Agosto de 1877, uma brasileira, Antonia Maria, filha de Estevam da Silva de Carvalho e de Antonia d'Avila Souto-Maior.

O registro do ato não nos dá a idade dos nubentes, nem a naturalidade da noiva que, provávelmente, teria nascido no Desterro (Florianópolis), nem o nome das testemunhas do ato. É de notar que esse consórcio realizou-se durante o domínio passageiro dos castelhanos.

Continuando minhas pesquisas, encontrei outro matrimônio de alemão com brasileira, cuja cerimônia religiosa teve lugar a 9 de Abril de 1806. Chamava-se o noivo *Guilherme Meyer*, natural de Hamburgo, filho do Dezembargador Nicolau Meyer e de *frau* Maria Sofia Goveits. Era êle formado em medicina. A noiva chamava-se Feliciana Luiza da Encarnação e era filho de Francisco Manuel Veloso e de Ana Joaquina.

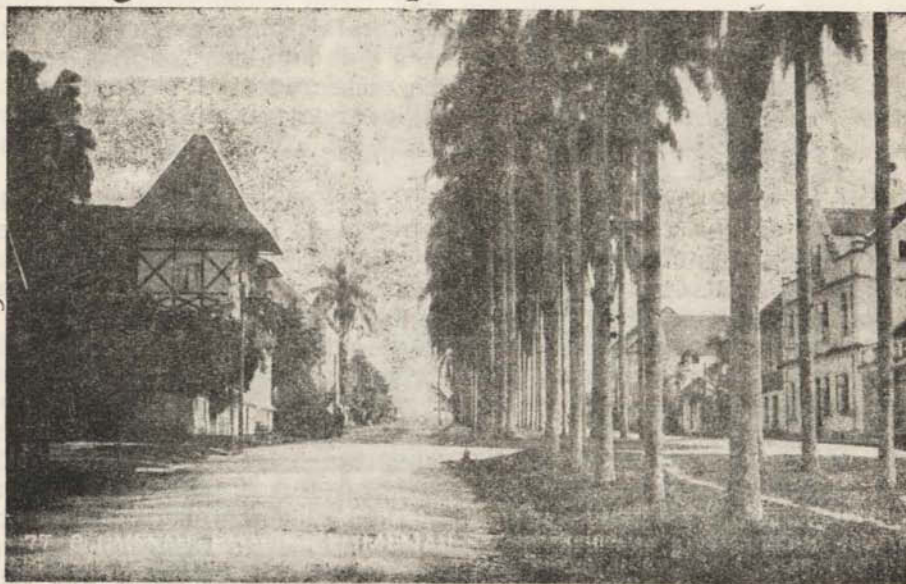
Mais tarde, com a chegada, em 12 de novembro de 1828, do bergantim *Marquês-de-Viana*, com 359 colonizadores alemães, começaram os matrimônios entre os recém-vindos. O primeiro registrado teve lugar oito dias da chegada, a 20 de novembro, entre Francisco Conrad, prussiano, filho de Hans Peter Conrad e Margarida Tomas, com Ana Maria Cauem filha de Francisco Cauem e de Suzana Clauden. Anotei outros 26 casamentos até 1835.



Um dos primeiros calendários catarinenses foi o "Der Volksbote", vindo à luz em Joinville, em 1902, sob a direção de Hermann Leyser e impresso na Tipografia de C. W. Boehm.



Blumenau antigo



Um trecho da atual rua Duque de Caxias, mais conhecida por rua das Palmeiras, que acaba de sofrer completa remodelação, com meio-fios e calçamento central. A foto data da segunda década deste século. A rua Duque de Caxias, nos primeiros anos da fundação, denominava-se "Stadtplatz". Após a morte do vice-diretor, Hermann Wendeburg, o dr. Blumenau deu a essa via pública o nome de "Boulevard Wendeburg". Posteriormente passou a denominar-se Rua Dr. Blumenau, até que lhe foi dada a atual designação. Em tôdas as épocas, porém, foi sempre melhor identificada pelo nome de rua das Palmeiras.

O "REBATE DE PEITO"

Por todo o litoral catarinense repontam ainda, com muita frequência, manifestações folclóricas bem interessantes, herdadas, sem dúvida alguma, dos casais que o vieram povoar nos meados do século 18.

Mas é entre as populações praiieiras do norte do grande Itajaí, entre a cidade que lhe fica à foz e a de São Francisco, que essas tradições se mostram mais vivas e mais coloridas. Haja vista às congadas da Penha do Itapocorói, as danças de São Gonçalo, os ternos de reis, as cantiga de Santo Amaro, que se situam ainda com destaque na vida social da gente boa e simples da incomparável orla marítima da costa norte-catarinense.

Temos recolhido, no que tange êsse assunto, coisas interessantes e registrado pormenores dignos de divulgação pelas coincidências que ressaltam do estudo comparativo entre as atuais e as práticas a que os nossos avós já eram dados nas suas graciosas ilhas do Velho Mundo.

Com vagar iremos apresentando aos leitores dos "Cadernos" o que já temos anotado nesse capítulo do tradicionalismo barriga-verde.

Entre os muitos "benzimentos", praticados ainda com grande frequência, naquela área, há um de que vamos nos ocupar nestas linhas, abrindo uma série de registros, de notas e de comentários a propósito dessas ingênuas manifestações da fé e em que muita gente persiste em acreditar piamente, mais mesmo do que nos modernos meios que a medicina tem à sua disposição.

O "rebate do peito", como o praiieiro conhece o endurecimento dos seios das lactantes, é mal de não rara incidência. E, como a "zipra", o "cobreiro", a "espinhela caída" e outras doenças que o povo enumera sempre com alguns "t'esconjuro!" de entremeio, só se curam com benzimento.

Duvido que os doutores façam estancar, num momento, como a benzedeira o faz, o ardume desesperador de uma "carne rasgada" que deixa o cristão a retorcer-se de dor. Duvido!

Costura praqui um retalho de pano, que nunca foi servido, costura prá lá com uma agulha virgem, enquanto reza coisas que mal se adivinham por entre os lábios que se movem nervosamente, perguntando, de quando em quando, em voz mais alta:

— Que é que eu tô costurando, seu Zé?

E o Zé, mesmo espremendo-se de dor, tem que responder:

— Carne rasgada, siá...

Mas, voltemos ao "rebate de peito".

O benzimento que esconjura êsse mal, antes de ser aqui reproduzido, numa das fórmulas que arquivamos, precisa de uma explicação, de um esclarecimento.

Como verão os leitores, a "reza" fala de homem bom, de mulher má, de chão molhado e de outras coisas que não teriam nexos se não se soubesse que o exorcismo é consequência de um fato que a benzedeira reproduz assim:

Em lugar, por aí além, vivia um casal em seu rancho pobre. O marido era um homem bom e a mulher uma verdadeira megera que vivia desejando só coisas ruins a todo o mundo.

Certa vez, depois que se haviam passado uns dias do parto em que viera ao mundo o primeiro filho do casal, bateu à porta do desajeitado tугúrio um velhinho peregrino, que se arrastava, cansado e coberto de poeira, com os pés escaldados das areias incendiadas pela abrasadora soalheira de dezembro.

Atendeu-o o dono do rancho:

— Que é que queres, bom velhino?

— Um pouso e uma caneca d'água...

Antes que o homem respondesse, a mulher gritou-lhe da enxêrga, onde ainda guardava resguardo:

— Não tem lugar, nem água, não! Vá procurar noutra parte!

— Mas, eu não posso mais, retrucou o velho. As pernas já não me ajudam. Morrerei por aí à fora se não me abrigarem por aqui.

O homem encheu-se de coragem e sem dar mais ouvidos às pragas e negativas da mulher, disse ao velhinho:

— Entra e aloja-te por aí. Vou arranjar-te uma esteira.

Mas, enquanto o homem saía em busca do que prometera, a mulher levantou-se e, como uma fúria, tomou do côco que servia para tirar água do pote de barro e começou a molhar a casa tôda para que o velho não tivesse canto enxuto, onde deitar-se.

Mas, mesmo assim, no chão molhado, o recém-chegado jogou a esteira de encontro a uma parede e deitou-se, caindo logo em profundo e restaurador sono, enquanto a mulher continuava a praguejar e a descompôr o marido.

Mal a primeira barra do dia apareceu lá longe, onde o céu mergulha no mar, o velhinho levantou-se e pôz-se a caminho.

Nesse exato momento, o filho recém-nascido do casal começou a chorar. A mãe aconchegou-o ao peito para alimentá-lo. Mas o leite nada de descer; os seios haviam se tornado rijos, encaroçados, extremamente doloridos. Aos esforços da criaturinha para mamar, a mãe gemia de tanto que padecia. E a criancinha a se matar de tanto gritar de fome.

Até que a mulher se lembrou do peregrino. Aquilo, certamente, fôra castigo pela sua maldade. Chamou pelo marido e pediu-lhe que corresse atrás do velho e o trouxesse de volta que ela queria pedir-lhe perdão.

O bom homem não esperou novo pedido e, pouco depois, alcançava o velhinho que caminhava, trôpego, amparado no seu bordão, pela praia, rumo ao norte.

— Volta, meu velho. Minha mulher está arrependida do que fêz.

E contou-lhe, detalhadamente, o que acontecera, as dôres que a pobre estava padecendo e a fome do anjinho.

O velhinho, que nunca abrigara maldade alguma no seu coração, disse ao desolado marido:

— Volta tu, que eu não vou. Mas toma de um galho de arruda, faz o sinal da cruz sôbre os peitos de tua mulher e diz esta oração que ela, sentindo o arrependimento pelo mal que fêz, há de sarar imediatamente. E recitou, acentuando palavra por palavra:

“Homem bom e mulher má

Casa velha, esteira velha

Travesseiro de barba,

Casa alagada com côco d'água.

Êste mal por onde entrou,

Por aí mesmo saía
Em nome de Deus
E da Virgem Maria, amém.”

Dito e feito. Mal o marido pronunciara a fórmula que lhe fôra ensinada, o leite fluiu farto, desfêz-se o entumescimento dos seios e as dôres cessaram. A mulher chorou de alegria e de arrependimento.

E assim, o velho, que ninguém viu mais e nem se sabe para onde foi, nem de onde viera, ensinara o único meio de curar, sem muita delonga, o “rebate de peito”.



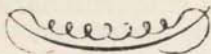
GARRINCHAS DE 50 ANOS ATRÁS



Eis aí o primeiro time de futebol de Blumenau. Constituiu-se por volta de 1920, com elementos ligados ao “Turnverei-Blumenau”, Sociedade Blumenauense de Ginástica. Era, como então se exigia, composto de 9 jogadores que faziam “miséria” no “pasto do Holetz” onde hoje se levanta o Hotel Alameda e que lhes servia de campo de treino e de partidas. O garboso conjunto teve seus dias de glórias, tendo até disputado uma renhida partida com elementos de um vaso de guerra alemão

que, por aquela época, aportara a Itajaí. O time era composto dos seguintes craques, da esquerda para a direita: de pé: Cramer, Bruno Hindlmeyer, Fischer, Franz Blohmam, Oswaldo Hindelmeyer, Felipe Brandes. De joelhos: Kugler, Alfredo Eicke e G. A. Koehler, o denodado editor do “Der Urwaldsbote”.

E ainda haverá quem diga que Bellini foi o jogador mais bonito que apareceu no futebol brasileiro!...



Em 1900 a exportação de Blumenau, em seus principais produtos, foi a seguinte. Damos, entre parêntesis, as cifras relativas a exportação no ano de 1899, para que se possa fazer uma comparação:

Peles 3.705 (3385) unidades; manteiga, 409.839 (385.551) quilos; banha .. 228.781 (125.380) quilos; carnes conservadas 15.615 (15.418) quilos; linguiça, 2.369 (2.535) quilos; fumo em folha, 190.458 (110.985) quilos; charutininhos .. 2:142.700 (4:115.900) unidades; açúcar, 6.340 (8.175) sacos de 60 quilos; cachaca, 289 (278) pipas de 480 litros; galinhas, 2.306 (4.952) unidades; ovos 2.963 (8.145) dúzias; madeiras em toras, 235 (362) metros cúbicos; farinha de mandioca, 470 (871) sacos; conservas, 1.666 (3.836) quilos; araruta, 840 (3.963) quilos; erva, mate, 4:391\$000; produtos industrializados (tecidos, tricôs, móveis, ferramentas de lavoura, etc) 49:885\$000. (A exportação de Blumenau para a serra, Lajes, Curitibaanos, etc., pela estrada de rodagem e cargueiros quase não pôde ser controlada e não está incluída na relação acima).

A DATA DA FUNDAÇÃO DE JOINVILLE

Dr. Carlos FICKER

Recebi, certo dia, amável carta do nosso grande e criterioso historiador, Sr. Dr. J. Ferreira da Silva, com a seguinte observação: . . . “Sempre que o senhor encontrar nos artigos dos nossos colaboradores algo que não sincronize com a realidade histórica, *DE O ALARMA!*”

Sendo de real interesse a divulgação da verdade histórica no assunto tão importante como a fundação da Colônia Dona Francisca, convém sejam retificadas as falhas encontradas no artigo publicado no N.º 3 dos “Cadernos” de autoria do Sr. A. Schneider.

Escreveu o seu trabalho baseado na tradição, adotou versões e teorias de outros autores, sem antes verificar-lhes a exatidão, sem ir-lhes “AS FONTES”, como convém proceda todo pesquisador.

Eis porque eu me convenço cada vez mais de que “Os Cadernos” estão, nesse particular, prestando assinalados serviços aos estudiosos, que se dão ao trabalho de ir à raiz dos fatos antes de adiantarem as suas afirmativas.

Basta que um historiador adquira fama para que se acredite tudo quanto êle diga ou escreva. Isso é um mal, pois, muitas vêzes êsse historiador tem de se socorrer de informações alheias, que êle não está, pela distância, pelas lacunas, ou por outros motivos, em condições de confrontar com a verdade. Fia-se, apenas, na seriedade do informante, jugando-o tão honesto como êle próprio. E muitas vêzes, êsse não é o caso.

Voltemos ao assunto.

Analisando o artigo “A data da fundação de Joinville”, já nas primeiras linhas deparamos com uma afirmação incorreta: “Há diversas gerações Joinville festeja o seu aniversário no dia 9 de março. . .”

Se o autor tivesse, como eu fiz, examinado com paciência os documentos existentes e principalmente os jornais da época, ainda hoje conservados, (A “Colonie-Zeitung” 1862-1941, a “Gazeta de Joinville” de 1877, o “Commercio de Joinville” de 1905) veria, que a data de 9 de março passou ano por ano quase despercebida. Não se deu atenção à data hoje tão festejada. A festa do cinquentenário em 1901 foi transferida para fins de junho sem motivos plausíveis.

Um povo tão alegre como o joinvillense, que não perdeu oportunidade em festejar qualquer data com salvas de tiros, bandas de música e concertos e bailes nos “salões”, de certo teria aproveitado o dia 9 de março para festejar “a data da fundação”. E a imprensa, como espelho dos acontecimentos locais, não registra esta data como festejo popular **UMA ÚNICA VEZ!**

Diz o autor: . . . “costumamos basear-nos na data escolhida há gerações e fixada **OFICIALMENTE**. . . e por esta razão deve ser considerada **DEFINITIVA**, a saber o dia 9 de março de 1851. . .”

Ora, se é considerada **DEFINITIVA** a data fixada **OFICIALMENTE**, então peço o autor vasculhar os arquivos **OFICIAIS** do antigo “Ministério da Agricultura”, do “Governo Imperial” de Florianópolis e do próprio Domínio Dona Francisca, em Joinville. Não é que sômente. . .

“alguns autores, entre mortos e vivos” (como diz o autor) queriam que a data da fundação tenha sido outra; acontece que OFICIALMENTE nos documentos antigos, nos ofícios do Governo Imperial, nas cartas, correspondência e nos relatórios anuais da “Direção da Colônia Dona Francisca” ao “Ministério d’Agricultura” a data da fundação da colônia sempre era o dia 10 de março!

Realmente o desembarque da primeira leva de imigrantes da Europa, vindos com a barca “Colon”, terminou no dia 9 de março; acontece portanto que a “Diretoria da Sociedade Colonizadora” iniciou as suas atividades no dia 10; os primeiros documentos assinados pelo diretor interino Sr. Eduard Schroeder e pelo representante do Príncipe de Joinville, a relação de passageiros desembarcados, os livros “Caixa” e, afinal, tôda organização comercial e técnica da nova colônia começou no dia 10 de março...

Diz o autor da “Data da Fundação de Joinville”:... “Aventam o dia 10 de março, quando foram iniciadas oficialmente as vendas dos lotes de terras na antiga “DEUTSCHE PIKADE”, que depois se chamaria Deutsche Strasse, hoje Visconde de Taunay.

Dois erros históricos nesta afirmação!

Em primeiro plano: Não foram iniciadas oficialmente as vendas dos primeiros lotes em 10 de março! Distribuíram-se os lotes conforme a medição e demarcação em andamento. Os títulos de propriedade (Kaufbriefe) dos primeiros lotes datam de 1.º de maio, outros lotes foram distribuídos em junho, outubro e novembro.

Apenas um único lote recebeu o título já em 15 de março de 1851 por motivo abaixo explicados.

Em segundo plano: em 1851 ainda não existia a “Deutsche Pika-de” e os primeiros lotes encontravam-se na “Mathias-Strasse — lado Este”.

Continua o autor:... “Outros têm proposto, que a data da fundação seja recuada para maio de 1850, quando, segundo escutámos certa feita, em improviso pronunciado...”

Confesso que esta última versão da data inaugural da “Colônia Dona Francisca” é nossa, e já revelada no artigo “Ernst von Knorring e sua Estada em Joinville 1850-1851” no N.º 10 dos “Cadernos” em 1961.

Pergunto: “não fôsem esforço e paciência de alguns abnegados e desprezidos, que seria da história?”

Conseguimos ultimamente valiosos documentos copiados minuciosamente nos arquivos do Rio de Janeiro e conseguimos trazer da Europa novos dados históricos até então desconhecidos — e até ilustrações de desenhos da colônia, ANTES da sua fundação.

Quando possuímos elementos, dignos de fé para afirmar que em 22 de maio de 1850 chegaram ao local da atual Cidade de Joinville em canôas do Coronel Francisco d’Oliveira Camacho as seguintes pessoas:

Hermann Guenther, engenheiro e enviado especial da Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo.

Léonce Aubé, representante do Príncipe de Joinville e Vice-Consul da França em Sta. Catarina.

Louis Duvonsin, cosinheiro de Aubé.

Comandante Vieira, engenheiro do Imperial Corpo de Engenheiros da Côte.

Peter Schneider, lavrador com 26 anos de idade.

Maria Catharina Schneider, sua mulher.

Ewert Sebastian con Knorring, lavrador com 33 anos de idade

Augusta Sophia von Knorring, sua mulher.

Mathilde Elisabeth Sophia von Knorring, sua filha.

Julie Engell, amiga do engenheiro Guenther.

A vinda desta última pessoa não é historicamente comprovada. Apenas mencionada no livro: "Die Colonie Dona Francisca (1853)" do Hauptmann Theodor Rodowicz (que esteve na colônia de setembro 1851 — junho de 1852) não existem outras referências (até esta data) sobre a existência dessa moça, que possivelmente desenhou, em fins de 1850, as lindas vistas da nova colônia.

A chegada das demais outras pessoas no dia 22 de maio de 1850 no ponto "estaca zero" da futura colônia, podemos — finalmente — provar com documentos indiscutíveis.

Outro fato de suma importância (totalmente desconhecido até esta data) é a comprovada existência de uma casa no local do desembarque. O morador era um Francês de nome M. Frontin, refugiado da dissolvida "Colônia do Sahy."

Encontrava-se esta casa no ponto do Rio Cachoeira, onde desemboca um riacho "com água cristalina e pura".

Permaneceram então os primeiros exploradores neste local, às margens do Ribeirão Mathias, como logo em seguida seria batizado o curso de água que corta hoje o centro de Joinville.

Considerando o caso análogo de Blumenau, em que a colônia é fundada no dia da chegada de 17 colonos e um responsável, em 2 de setembro de 1850, não tenho a menor dúvida em fixar a data da fundação da "Colônia Dona Francisca" para o dia 22 de maio de 1850, quando desembarcaram 6 colonos e um engenheiro — diretor, nas margens do Rio Cachoeira.

Repito: a fundação da "Colônia Dona Francisca" — e não Joinville!

A primeira aglomeração de casas da zona RURAL seria batizada: *cola*. Em todos os documentos antigos, a Sociedade Colonizadora em Hamburgo separa estritamente a colonização em terras e lotes rurais; designando uma área bem afastada para a "FUTURA CIDADE DE JOINVILLE;"

A primeira aglomeração de casas na zona RURAL seria batizada: "Schroedersort" e somente em setembro de 1852 o segundo diretor da colônia, Sr. Benno von Frankenberg, mudou o nome em "Joinville", vendo a impossibilidade de criar ao mesmo tempo uma colônia agrícola e uma cidade anexa.

Por este simples motivo a "CIDADE JOINVILLE" nunca foi fundada, e sim a "COLONIA DONA FRANCISCA", sendo Joinville a consequência do rápido crescimento da primeira zona rural.

Diz o autor da "Data da fundação de Joinville":

"... o vasto latifúndio do Príncipe era habitado por animais bravios e seres humanos que, além de ferozes, se encontravam ainda no primeiro degrau da civilização, sendo um verdadeiro "presente de grego"..."

Errada esta afirmação, pois os índios selvagens ou bugres nunca apareceram nas terras locais até dezembro de 1873. Quanto ao "presente de grego", não concordamos com esta desvalorização das terras, pois foram escolhidas por Léonce Aubé "as melhores terras devolutas da Pro-

víncia de Sta. Catarina” conforme o relatório do mordomo da Casa Imperial, conselheiro Paulo Barboza da Silva e confirmado na “Falla” que o Presidente da Província, Marechal de Campo Antero Jozé Ferreira de Brito dirigiu à Assembléa Legislativa de Sta. Catarina em 1.º de março de 1845.

Afirma o autor, que — possuindo elementos dignos de fé — “já havia aqui habitantes de origem lusa ou castelhana...”

Concordamos plenamente com o autor, pois no levantamento topográfico das terras dotais em dezembro de 1845, o engenheiro da Côte Jeronimo Coelho com sua turma de agrimensores respeitou um por um os proprietários de terras, desviando o rumo da medição em zigzag para evitar desapropriações. Constan nos “Autos de Medição” os nomes de todos êstes habitantes. Acontece que nas TERRAS DOTAIS não havia um habitante luso sequer!

Quanto ao Príncipe de Joinville, que, em 1848 foi surpreendido pela revolução — “quando se encontrava com sua jovem esposa em visita de cortezia a um dos portos do norte africano”... quero ressaltar que o Príncipe de Joinville, François d’Orléans em 1848 era Vice-Almirante da marinha francesa e sediado na Algéria, portanto em missão profissional e não em recreio.

Chegamos finalmente ao erro histórico amplamente divulgado em livros e crônicas, firmando-se como verdade incontestável.

...“adquiriu o imigrante FRITZ EBERT no dia 10 o lote N.º I, cujo “Kaufbrief” ainda existe no original...”

Realmente existe a Escritura de compra e venda N.º I nos arquivos do Domínio Dona Francisca, sendo o dono do terreno (também do lote N.º 2) o Sr. Friedrich Wilhelm Ebert. Sendo êste o único “Kaufbrief” extraído em 15 de março de 1851 (os próximos lotes foram distribuídos a partir de 1.º de maio) nada mais natural que afirmar: o Sr. Ebert comprou o primeiro lote N.º I, na “Mathias-Strasse, lado Este, com 35 morgos de área.

Muitíssimo errado!

Examinando cuidadosamente o documento amarelado pelo tempo, encontramos a seguinte anotação:

Geschenk an Peter Schneider	— 20 Morgen
Bezahlt	— 15 Morgen

Peter Schneider era o primeiro colono que veio em 22 de maio de 1850 do Rio de Janeiro em companhia de Aubé, Guenter e a família von Knorring para preparar o recebimento da primeira leva de imigrantes, que chegaram finalmente em março de 1851.

Antes mesmo da vinda dêstes, Peter Schneider recebeu *DE PRESENTE* do engenheiro-diretor do pequeno nucleo colonial, parte do futuro lote N.º I, ou sendo 20 morgos. (1 morgo = 500 braças quadradas = 2500 metros quadr.)

A prova indiscutível que FRITZ EBERT NÃO adquiriu no dia 10 de março de 1851 o lote N.º 1...” quando abertas as vendas, ficando êle feliz proprietário da gleba”... apresentamos agora aos nossos prezados leitores e historiadores:

— Johann Friedrich Wilhelm Ebert, Doris Ebert (sua mulher) e Wilhelm, Friedrich e Joseph (os filhos) vieram em patacho costeiro do RIO DE JANEIRO em 5 de janeiro de 1852, portanto 10 meses após a (suposta) venda dos primeiros lotes!

Conforme anotação nos cadastros, Ebert pagou a importância de 36\$000 pelos 15 morgos restantes do lote N.º I e acertou as contas com o primeiro proprietário, Peter Schneider, que, em 29 de janeiro de 1852 deixou definitivamente a “Colônia Dona Francisca” e a sua gleba em “Schroedersort”, voltando ao Rio de Janeiro.

Revelamos no presente artigo tantos e tantos aspectos novos da “crônica de Joinville” que de certo justificará a crítica e polêmica em forma de “ALARMA” — a bem da verdade histórica — é claro!



Curto Histórico da Fábrica “Eckardt”

Fundador: Ernst Eckardt — nasc. 21-10-1861, em Halle a. d Saale, Alemanha. Fal. 27-5-1924, em Encano, em cujo cemitério Evangélico acha-se sepultado.

Imigrou: ano de 1878.

Começou com sua indústria: Em Salto do Norte, Blumenau, no ano de 1890, com um tear marca Schubert & Salzer, que comprou na Alemanha, por intermédio de um de seus irmãos. Também importou, mais tarde, diretamente, tôdas as outras máquinas de sua indústria. Em 1898 transferiu-se para a Itoupava Seca, Blumenau, época em que comprou seu segundo tear (a fábrica estava situada em frente do antigo Hotel Wuergues —rua São Paulo). Finalmente, no ano de 1908, mudou-se com sua indústria para a localidade de Encano, Município de Indaial, ocasião em que já funcionavam três teares circulares.

Artigos fabricados: camisas e meias de malha de algodão.

Pormenores sôbre a pessoa de Ernst Eckardt: Foi, quando moço, na Alemanha, empregado no comércio. Depois de imigrar para o Brasil, interessou-se por um futuro melhor, aprendendo de início a língua portuguesa e, em seguida, naturalizou-se cidadão brasileiro. Morou, inicialmente, até 1890, na zona de Itoupavazinha (Estrada da Cachaca), onde exerceu as funções de professor público. Naquela ocasião casou-se com Margarete Litzenberger e viu nascer seus filhos mais velhos. Ernst Eckardt tinha vocação para a indústria. Sempre dizia aos seus próximos sôbre seus planos de construir, etc. etc. . .

Filhos de Ernst Eckardt — pela ordem de idade — Max, Margarete, Moritz, Else e Edith; outras duas filhas faleceram bem crianças. Aham-se vivas atualmente, Margarete (Vva. Buenger) e Edith (casada com Paul Gresser), esta residente em Blumenau e aquela no lugar Encano. Ernst Eckardt fêz mais duas viagens à Alemanha, sendo que numa foi acompanhado de sua filha Margarete e aproveitou sua estadia no Velho Mundo para comprar máquinas e peças de máquinas. Seu filho Max esteve na Alemanha no ano de 1909, para adquirir alguns conhecimentos técnicos. Max auxiliou o pai desde criança, sendo que mais tarde cuidou da parte técnica da fábrica, enquanto que o velho Eckardt a dirigiu comercialmente. Aprendeu tudo com esforço próprio, pela prática e lendo livros técnicos. Max saiu da firma no ano de 1924 assumindo, depois a direção, o filho Moritz, até a venda à Cia. Hering, em 1927.

UMA CARTA DO DR. BLUMENAU

Como se sabe, foi no comêço de 1846 que o dr. Hermann Blumenau deixou a Alemanha, em sua primeira viagem ao Brasil, onde fundaria, mais tarde, a sua colônia no Vale do Itajaí. Seguindo de sua cidade natal para Hamburgo, a fim de embarcar-se no veleiro que o traria para este lado do Atlântico, Blumenau permaneceu vários dias no pórtio alemão. Dalí escreveu aos seus a carta que a seguir transcreveremos, em tradução de **Dona Cristiana Deeke Barreto**.

Hamburgo, 30 de março de 1846.
Meus muito queridos pais.

Infelizmente, ainda me encontro aqui, pois o navio, por ocasião da minha chegada, não tivera completado o carregamento necessário e, quando isso foi solucionado, o vento soprava, justamente, Elba a dentro.

Minha bagagem, já há tempo, encontra-se no navio, onde também eu já estive, mas não permaneci porque, então, andava tudo em reviravoltas devido ao carregamento do navio.

Logo que o vento voltar-se favorável, passando a soprar do leste, zarparemos.

O navio não é muito grande e um tanto estreito(— tem, porém a fama de ser um bom veleiro; é mesmo um brigue bem bonito). O comandante parece ser homem educado e amável.

Só tenho um companheiro de viagem e, devido ao espaço diminuto, estou satisfeito que não haja outros. É um jovem negociante que vai empreender a sua primeira excursão e com o qual, eu, na certa, mantereirei boas relações. Ele vai para um escritório no Rio Grande, para onde eu, também, primeiramente me dirigirei antes de seguir para diante.

Cartas e recomendações eu tenho recebido aqui, ainda em quantidade e, segundo parece, entre estas algumas boas.

Sturz mandou de Berlin, para cá, ainda uma porção de cartas-circulares e de recomendação, tanto da parte dêle como da do embaixador e do secretário da embaixada em Berlin, e mais instruções e livros, tendo me assegurado ainda que, caso eu não encontre colocação, que êle se comprometera de me arranjar, me mandaria, então, 250 talers.

Eu, aliás, já não estou mais apreensivo quanto à garantia da minha existência, ou até de um bom ganha-pão. De pessoas que estive durante cinco, dez e até vinte e cinco anos no Brasil encontram-se muitas aqui, sendo elas, indistintamente, da opinião de que há possibilidades lá até para o simples farmacêutico.

Um farmacêutico, aqui estabelecido, mostrou-me a carta de um colega que, há um ano, para lá se transferira com todos os apetrechos para a instalação de uma farmácia, em companhia de um médico, e que se mostrava muito satisfeito e afirmando que qualquer farmacêutico, com um pequeno capital, aqui sem possibilidade de estabelecer-se por conta própria, poderia perfeitamente seguir para o Brasil com êxito. Ele próprio estava morando em localidade de regular importância, onde tanto êle como o amigo, o médico, foram acolhidos de braços abertos.

Falei ainda com muitos outros que pareciam conhecer o Brasil a fundo e que se referiam muito favoravelmente ao mesmo país. Um dêles, homem rico, que durante 26 anos estivera no Brasil, contando, agora, os seus 45 a 48 anos de idade, aconselhou-me a que, caso não conseguisse colocação imediata, me empregasse como auxiliar de farmácia, no Rio ou na Bahia, ficando atento a tudo para bem ambientar-me. Declarou ser êste o melhor expediente para conhecer-se primeiro o país, e um meio de se conquistar a confiança e, finalmente, que o tratamento e salários eram bons.

Caso eu não consiga adatar-me logo e em boas condições, em empreendimento de colonização, ou tiver qualquer outra oferta vantajosa, pretendo, então, procurar antes, lá pelo Natal, emprêgo em uma farmácia no Rio, ou na Bahia.

Esta gente descreve o país e o seu clima como sendo maravilhosos. Uma senhora, Madame Gültzow, a espôsa do cavalheiro que me foi aqui o mais dedicado, não dava fim no seu entusiasmo. De reumatismos e febres, dizem, nem haver vestígios; sômente de início estar-se-ia sujeito a uma espécie de abomináveis eczemas, mas que, passado isso, a pessoa estaria aclimatada e não poderia imaginar uma terra melhor.

Apenas riem sôbre as propaladas lendas de cobras. Mosquitos e outros insetos nocivos, como as cobras também, são mais comuns nas regiões úmidas, pantanosas e insalúbres.

Um jovem negociante, que eu aqui conheci, esteve durante cinco anos no Brasil, nas zonas mais quentes logo abaixo do Equador e que havia viajado em companhia de portugueses e índios pelo interior do rio Amazonas, e dos seus tributários, onde tudo é êrmo e inabitado, mas cheio de belezas e de riquezas naturais, expressou-se louvando aquela terra, dizendo que lá, sim, existem aquelas pragas dos insetos, porém não tão horríveis como se propala e que êle, lá, passara muito bem.

Assim também eu, que nem penso ir até àquelas regiões quentes, espero conservar a minha saúde e vitalidade.

A vida e o movimento aqui em Hamburgo são magníficos e eu os prefiro ao movimento de Paris; existe mais semelhança mesmo com o de Londres do que com o de Paris, do qual se poderá dizer: "muito berreiro e pouca lã", "muito barulho por nada".

O pôrto com os seus navios, os silos enormes nos canais, a vida e o movimento nas ruas e canais, no pôrto e entre os navios, êstes com os seus enormes mastros apontando para os céus e, por fim, a parte nova de Hamburgo, com as suas residências modernas e os palacetes, a magnífica avenida "Jungfernsteg", à beira das águas claras da reprêsa do Alster, tudo isso é extraordinário para o alemão do interior, muito estranho mas lindo, impressionando maravilhosamente.

Pena é que o tempo aqui esteja tão instável; no verão, ao que parece, é um pouco melhor, mas, de um modo geral, mesmo então sujeito a contínuas mudanças. Quase não me mantive de pé enxuto desde que aqui cheguei e, sem guarda-chuva, nem mesmo com bom tempo, é aconselhável sair — os chuviscos repentinos veem e passam depressa, mas deixam as ruas molhadas e sujas. Se Hamburgo tivesse mais dias bonitos, a permanência aqui seria uma maravilha, principalmente nos bairros afastados do centro, às margens do Alster e do Elba. Não quero,

porém, prosseguir nas descrições. Se o verão fôr bom, vocês deveriam vir até aqui — de trem, ou de vapor, a viagem é tão rápida e nada dispendiosa — como também a vida aqui não é cara. Vocês na certa não se arrependeriam e eu posso afirmar que Hamburgo é a cidade que mais me agrada, depois de Londres.

Se eu tivesse tido oportunidade de permanecer aqui durante um ano, isso teria sido de grande vantagem para mim. Aqui se expande o horizonte espiritual e se consegue a interpretação de relações e condições excelentes. Tenho visto e aprendido aqui, nestes poucos dias de estada, muita coisa que será de grande utilidade para mim.

Para a minha permanência inicial no Rio de Janeiro, já fui recomendado a uma hospedagem gratuita, a um jovem comerciante, cujo irmão me faz portador das respectivas cartas. Assim, já tenho algo de seguro.

Além dessa recomendação, levo outras positivas para outras casas.

O interesse pela colonização e emigração, está aqui apenas começando a surgir; tenho falado bastante no assunto e as respectivas instâncias também querem colaborar, mas não iniciar o movimento, que deverá partir de Berlim e Londres. O que, entretanto, a timidez e a apatia estragam neste sentido é compensado pela inveja em relação a Bremen. Creio, entretanto, que uma vez iniciada, a ação desenvolver-se-á com êxito.

Verdade é que eu, unicamente, agradeço a esta questão o interesse pela minha pessoa e respectivas boas recomendações recebidas.

Se eu seguisse como particular, somente como farmacêutico, ou químico, pouca importância me teriam dado.

Finalizo por hoje, e em terra germânica: contanto que tempo e vento estejam favoráveis, escreverei ainda do alto mar e entregarei a carta aos pescadores ingleses que, no canal (da Mancha) se aproximam dos navios, para se encarregarem desses despachos.

Passem bem, queridos pais e que Deus os guarde com saúde e disposição, fortes e alegres de espírito.

Caso no verão viajarem para cá, tirem informações minhas com o sr. Fried Gùltzow, no Hofmarkt, 21. Cartas para mim, convém endereçar aos srs. Chr. Matthias Schroeder & Cia..

Deem lembranças a todos os nossos queridos e continuem a querer-me bem.

Mais um adeus do solo alemão do seu filho fiel

H. Blumenau.



Para o nosso arquivo

O nosso prezado leitor e amigo, sr. Carlos Silveira, teve a gentileza de ofertar ao nosso arquivo um exemplar do “Relatório da Gestão dos Negócios de Blumenau”, do exercício de 1917, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente, sr. Paulo Zimmermann, de cuja falta nos ressentíamos. Somos gratos à bondade desse nosso caro assinante que tem se destacado pelo seu interesse na divulgação das tradições blumenauenses.

Entusiasmo pela Nova Pátria

Felizmente, já vai longe o tempo em que se acreditou que os imigrantes teutos, vindos para o Vale do Itajaí, destinavam-se à construção de uma "Alemanha Antártica", abrangendo, principalmente, os dois Estados meridionais.

Com base nessa balela, levantou-se muita celeuma na imprensa; e as nossas colônias sofreram as conseqüências de uma vigilância constante e deprimente, por parte dos responsáveis pela segurança e integridade do país. Vigilância, aliás, em parte justificável pela estúpida manifestação de alguns imigrantes visionários, sem raízes na obra colonizadora. Houve, realmente, quando as colônias alemãs de Santa Catarina e do Rio Grande começaram a demonstrar a sua pujante atividade, quem pensasse em coisas parecidas com uma Alemanha Sul-americana e as propagasse em publicações daqui e dalém-mar.

Entretanto, quem estuda essa colonização desde as suas origens, sabe que as causas que a motivaram, nos meados do século passado, e a adaptação e a aculturação dos ádvenas ao nosso meio, estiveram, sempre e completamente, isentas de intenções menos nobres. Antes, são sem conta e belíssimos os exemplos, as provas que os imigrantes deram do entusiasmo que, antes mesmo de deixar a terra natal, já sentiam pela pátria que vinham ajudar a construir.

Ao contrário de estimular a emigração para o Brasil, a Alemanha tratou de dificultá-la por todos os meios. Bastante tiveram até que lutar, o dr. Blumenau e os entusiastas dessa imigração, contra as medidas contrárias a ela, postas em prática pelos governos dos Estados germânicos.

Não foi, entretanto, para a discussão de tese tão interessante, que começamos a rabiscar estas linhas, embora elas possam bem servir de intróito ao que desejamos escrever sobre a figura de H. Faulhaber, um dos homens que muito concorreu para o progresso cultural de Blumenau.

Faulhaber, como se sabe, foi o fundador do "Der Urwaldsbote", jornal que teve larga atuação na vida política, social, intelectual e econômica do município e que, durante muitos anos, foi o principal informante e orientador da coletividade a que servia.

Não se distinguiu, apenas, Faulhaber, como um dos pioneiros da imprensa regional. Foi, também, o do ensino secundário, como fundador da "Escola Nova" que, entre os elementos de crença evangélica, integrantes da maioria dos colonos, exercia influência equivalente à que a "Escola São Paulo", dirigida pela extraordinária capacidade do Padre Jacobs, manifestava entre os católicos blumenauenses, também já então em número respeitável.

A exemplo do que fizera o primeiro vigário, Faulhaber criou um "pensionato" para os estudantes do interior da colônia e de outros municípios que quizessem freqüentar a "Escola Nova".

Nesse pensionato estiveram os Irmãos Konder e nessa Escola lecionaram, Fritz Müller, Paula Ramos, Felipe Doerck entre outras figuras destacadas da época, além do próprio pastor.

Como muitos outros responsáveis pelos destinos da colônia, Faulhaber foi um grande entusiasta do Brasil, da sua natureza, dos seus encantos, da hospitalidade e da generosa conduta do seu povo.

E dêsse entusiasmo pela terra a que viera prestar a sua colaboração, êle procurava contagiar os seus alunos, nascidos, a maioria, já nestas plagas ou os filhos ainda da pátria que ficara distante e para aonde êles jamais voltariam.

Dêsse lado simpático da personalidade de Faulhaber, podem ainda dar testemunho alguns de seus alunos ainda vivos, como D. Edith Gärtner, dona Gertrud G. Hering e outros que devem bem lembrar-se das poesias que êle os fazia decorar, tôdas enaltecendo as grandezas e os encantos da terra brasileira.

Segundo o testemunho de sua filha Hanna, quando já de regresso com a família para a Alemanha, em obediência a determinação superior, Faulhaber fazia os seus, em casa, recitarem continuamente os versos que êle costumava ensinar aos seus discípulos na escola, um dos quais é o que transcrevemos a seguir.

Essa poesia, no original alemão, é de grande sensibilidade e ternura, além de perfeita no metro e na rima e não deixa de ser uma das respostas aos que procuram, de boa ou má fé, pôr em dúvida os sentimentos dos primeiros imigrantes blumenauenses e de seus mentores, em relação à estima ao país a que vieram dar a sua leal e patriótica colaboração.

Eis os versos a que nos referimos:

LOB BRASILIENS

O Brasilien, mein Brasilien,
Schöner Teil von Gottes Welt;
Durch des reichen Schöpfers Walten
Paradiesich hingestellt.

Heiter wölbet sich der Himmel
Über dir im reinsten Blau,
Doch zur rechten Etunde tränket
Milder Regen Wald und Au.

Prächtig fließen deine Ströme
Breit und tief ins weite Meer
Schiffe ziehn auf ihren Fluten
Froh nach deinen Schätzen her!

An der Ströme kühlem Ufer
Prangt des Waldes hehre Pracht,
Und das Leben tausendfältig
Waltet dort in stiller Nacht.

Apfelsinen auch die Fülle,
Trauben, Feigen gross und klein,
Und die Ananás, die edle,
Reifet dort im Sonnenschein.

Liblich duftets aus dem Dunkel
Zärt und würzig, stark und fein
Von den Büschen, von der Bäumen
Von den Blumen gross und klein!

Lustig brüllt der Chor der Affen
Lieblich singt der Sabiá.
Zum Geschrei der Papagaien,
Pfeift der bunte Juruguá!

An dem silberhellen Bache
Ist mein Hüttschen aufgestellt
Und da find ich es am schoensten
Und am besten auf der Welt.

Weiden auch nicht grosse Herden
Auf der Weide um mich her.
Könnt ich doch nich froher leben,
Wenn ich auch ein Kaiser wär!

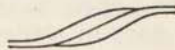
Wenn der Tag des Herrn, der stille
Ruhe senk auf Feld und Wald,
Dann der ater mit den Seinen
Feierlich zur Kirche walt!

Da erst schwillt das Herz uns allen
In der Luft so frisch und rein,
Wenn durch Palmenkronen flimmert
Goldner Morgensonnenschein.

Neu getränkt aus Gottes Brunnen,
Neu gestärkt con seiner Hand,
Zie ich froh nach meinen trauten
Hüttchen an des Waldes Rand.

Führ ich nicht ein glücklich Leben
Hier an stiller Einsamkeit
Fern von Hassen, fern von Neiden,
Fern von wilden Kampf und Streit?

O Brasilien, mein Brasilien,
Edler Teil von Gottes Welt;
Wo es in dem stillen Walde
Immer besser mir gefällt.



**“QUEM NÃO VIU BLUMENAU, NÃO CONHECE SANTA CATARINA NEM SABE
TAMBÉM AVALIAR DE QUANTO É CAPAZ O LABOR HUMANO, QUANDO
GUIADO POR UMA ORIENTAÇÃO PRÁTICA E APOIADO POR UMA INQUE-
BRANTÁVEL TENACIDADE”. (Marcos Konder)**

O JARDIM DO BISPADO DE JOINVILLE

Pe. Raulino REITZ

Foi para mim deveras muito agradável aceitar o convite de Dom Gregório Warmeling, dd. Bispo de Joinville, para estudar e determinar as numerosas plantas do rico e belo jardim do Palácio Episcopal de Joinville.

Parece um jardim botânico por causa do grande número de espécies que ali são primorosamente cultivadas.

O amplo jardim artisticamente traçado acha-se fronteiriço ao palácio erguido no sopé de uma colina; rodeia-o, e continua colina acima transformando-se em parque nos flancos e no tópo da colina. O pequeno bosque, a cavaleiro do palácio, foi dadivosamente enriquecido pelo plantio de juçaras, coqueiros e palmeiras em geral. Uma mão de bom gosto cavou uma infinidade de caminhos que dirigem o visitante embevecido naquela miniatura de Pindorama.

O clima francamente tropical de Joinville, favorece o crescimento luxuriante de todos os habitantes do jardim. Em qualquer época do ano há flôres vistosas; mas na primavera e no verão há abundante colorido, que se mescla em belos contrastes.

No centro dêste maravilhoso jardim-parque ergue-se o palácio Episcopal da Diocese de Joinville. Ambiente melhor os diocesanos não poderiam ter oferecido ao seu virtuoso e dinâmico bispo. Dêste centro florido Dom Gregório Warmeling governa a Diocese espalhando a fragrância de sua direção espiritual e temporal.

LISTA DAS PLANTAS

Sob cada família botânica aparecem as respectivas espécies com o nome científico e popular e uma pequena descrição indicando o país originário das plantas, já que são quase tôdas exóticas.

ACANTHACEAS

Graptophyllum pictum (L.) Griff. Caricatura. Arbusto com fôlhas ovais, agudas, coriáceas verde-purpuras malhadas de amarelo; nervuras centrais e talo vermelho. Originária da Nova Guiné.

Thunbergia grandiflora Roxb. Carólia. Liana com fôlhas ásperas, dentadas, ovadas; flôres em forma de sino mas pouco bilabiadas, azuis; fauces brancas, solitárias nas axilas da fôlha. Originária da Índia.

APOCYNACEAE

Allamanda cathartica (L.) Dedal de dama. Alemanda de flor grande.

Liana com latex; ramos novos matizados de púrpura acastanhada; fôlhas oblanceoladas coriáceas, lustrosas por cima; flôres afuniladas, amarelo-citrinas, grandes, com tubo corolíneo que termina em 5 grandes lóbulos rombóides constituindo um enorme disco rotáceo. É nativa do Brasil e também em S. Catarina.

Lochnera rosea (L.) Rchb. Lochnera. Cosmopolita tropical.

BALSAMINACEAE

Impatiens sultanii Hook. f. Sultana, Beijo de freira. Erva continuamente florida; flôres carmins, calcaradas; fôlhas longas, apiculadas, crenadas; caules aguado-suculentos. Originária de Zenzibar, mas espontânea em S. Catarina.

BIGNONIACEAE

Podranea ricasoliana (Tanfani) Sprague. Podranea. Trepadeira de 5-6 m, sem suporte torna-se um arbusto muito ramificado, com fôlhas perenes onde é suficientemente quente; fôlhas elíptico-ovadas, curtamente agudas ou acuminadas, serradas, glabras; flôres róseas de 5 cm de compr., afunilado-campanuladas, com 5 globos glabros, pálido-róseos listados de vermelho, em paniculas laxas; frutos de 25 cm de compr., cilíndricos, lineares. Originária de Natal e Zululândia.

BORAGINACEAE

Myosotis azorica H. C. Wats. Não me olvides. Não te esqueças de mim. Mimosa planta rasteira usada para fazer lindas bordaduras ou corbelhas muitas vezes associadas com Violetas, Amôres perfeitos ou Margaridinhas. Originária dos Açores.

CAPRIFOLIACEAE

Sambucus mexicana Presl. var. **bipinnata** (S.&C.) Schwerin. Sabugueiro. Árvore baixa com ramos flexíveis mas rijos quando adultos. É irmão do nosso Sabugueiro nativo (*Sambucus australis* Cham. & Schl.) Originário da América do Norte Ocidental.

CARYOPHYLLACEAE

Dianthus plumarius L. Cravina. Planta vivaz regulando 20 a 30 cms. de altura; folhas lanceoladas, agudas; flôres assás numerosas, simples ou dobradas, tôdas solitárias, terminais, côr de carne ou róseas, listradas de púrpura. Originária da Europa Oriental.

COMMELINACEAE

Dichorisandra thyrsiflora Mikan. Trapoeraba. Erva de caule suculento com rosetas de folhas grossas verdes com reverso avermelhado; racemo grande com flôres de um azul profundo com estames amarelos. Nativa no Brasil.

CONVOLVULACEAE

Jacquemontia blanchettii Moric. Jaquemônia. Liana com folhas cordadas, ovadas acuminadas, glabras, mas pouco pilosas nas nervuras do lado inferior; pedúnculos alongados, curtamente bifidos no ápice, cimos umbeliformes 7-12-florais; sépalos membranáceos, ovais, obtusos no ápice ciliados ou nus, os exteriores 1/3 mais curtos; corola infundibuliforme, azul, 5-dentada. Nativa no Brasil (Rio de Janeiro, Bahia).

CYCADACEAE

Cycas circinalis L. Sagúeiro. Es-tipe simples, grosso e alto (6-8 cm de alt.) coroado com grandes corôas folheares muito ornamentais; folhas de até 2 m de compr., com pecíolo espinhoso; falanges carpe-lares patentes até pendentes dentre as folhas e com três pares de óvulos inseridos lateralmente na ráquis terminada em rudimento de foliolos. Originária da Índia.

ERICACEAE

Rhododendron mucronatum (Bl.) G. Don. Azálea. Belo arbusto com garridas flôres. Originária da China.

Rhododendron simsii Planch. (= *R. indicum* Sweet). Azálea. Originária da China.

EUPHORBIACEAE

Ecalypha hispida Burn. Crista de peru, Acalifa. Arbusto viloso de fôlhas arredondadas, verdes e serrilhadas. Flôres rubras que surgem junto ao pedúnculo em forma de longas espigas penden-tes de 15 a 25 cms. de compr., densamente bracteadas. Originária da Índia.

Acalypha wilkesiana (Spr.) M. Arg. Crista de peru. Acalifa. Arbusto que cresce até 3 metros de altura, um pouco viloso, de fôlhas ovadas ou elípticas, regulando 20 cm de compr. por 14 cm de larg., grosso-serrilhadas, verde-bronzeadas com as margens acastanhadas. Originária da Nova Guiné.

Alchornea triplinervia (Spr.) M. Arg. Tanheiro. Árvore 8-20 m de altura; folhas em geral largo-elípticas, 5-11 cm de compr., delgado subcoráceas, mais ou menos disperso-estreladas com pecíolo 2-4,5 cm de compr.; flôres verdes com ovário 2-locular, estiletos livres ou quase sublisos; fruto cápsula 7-11 mm de diâmetro. Nativa em S. Catarina.

Euphorbia pulcherrima Willd. ex Klotzsch in Otto & Dietr. Papagaio, Flor de Papagaio. Arbusto, até 3 m de alt.; ramos robustos; folhas alternas com lâminas oblongo-ovadas até largo-ovadas, agudas pela base, acuminadas, às vêzes panduradas, 15-20 cm de compr., dispersamente sinuado-dentadas; flôres ciátios em cimeiras corimbosas, terminais com grandes brácteas foliáceas fulgente-vermelhas. Originária do México.

FLACOURTIACEAE

Dovyalis gardneri Clos. Dovialis.

GERANIACEAE

Pelargonium hortorum Bailey. Catinga de mulata, Malva Sardinha, Malva flor. Planta suculenta de 30-70 cm de altura.

IRIDACEAE

Babiana stricta Ker. Babiana. Erva baixa com folhas pubescentes, ensiformes e flôres de tipo de Freesia, branco-azuais; floresce no inverno. Originária do Sul da África.

Freesia sp. Frésia. As Frésias têm a altura de 15 a 20 cms e emi-

tem flôres grandes, tubulosas, muito perfumadas, variando os seus coloridos entre o branco e o amarelo puro ou lavado de violeta. São bastante cultivadas na região sulina, sendo em geral cruzamentos de *F. refracta* e *F. armstrongii*. Originária da África do Sul.

LABIATAE

Salvia splendens Sellow. Cardeal do Brasil, Alegria do Jardim. Sangue de Adão. Arbusto com folhas ovadas, verde-forte, glabras e espigas formosas com flôres vermelho-escarlate-vivas. Nativa no Brasil.

LILIACEAE
Hemerocallis fulga L. Lirião amarelo. Erva perene com fortes fizomas formando touceiras com folhas compridas e estreitas; flôres vistosas, grandes, afuniladas, amarelas. Originária da China.

LYTHRACEAE

Lagerstroemia indica L. — Extremosa, Escumilha, Minerva dos Jardins. Arbusto ou arvoreta de até 10 m de altura, com folhas pequenas elípticas e panículas terminais compactas com flôres terpas e róseas. É originária da China. Floresce de dezembro a fevereiro.

ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

FEVEREIRO DE 1962

1.º — O "fim do mundo", previsto por astrólogos para este mês, devido à conjunção de certos planetas, reflete-se, também, em notícias e comentários da imprensa local.

2 — O Prefeito Municipal publica a sua Prestação de Contas, em forma de Relatório do 1.º ano de sua segunda gestão administrativa, ilustrando-a com fotos das várias obras realizadas ou em andamento.

6 — Notícia a imprensa local que o jovem acadêmico blumenauense, Rolf Nebelung, estudante em Curitiba, em companhia de um curitibano e de mais treze outros acadêmicos patricios, participará de um seminário na Califórnia, organizado pela Universidade de Berkeley, viajando o grupo para lá com escalas em Porto Rico, acompanhado pelo Professor Pedro Freire Ribeiro, assumindo a orientação, de então em diante, um catedrático da universidade que fez o convite.

A Câmara Municipal elege a sua nova mesa diretora, assim constituída: Presidente, sr. Ingo Hering; vice-presidente, Eugênio Brueckheimer, 1.º secretário, sr. Wladislau Constanski; 2.º secretário, Edgar Müller.

7 — O "Dia dos Gráficos" é lembrado na imprensa e festejado por vários atos promovidos pela classe.

— Imprensa e Rádio publicam cartas de Dona Gertrudes Sierich, filha do fundador de Blumenau, que, a 26 de dezembro, viu passar o seu 90.º aniversário natalício. A veneranda blumenauense agradece ao governo e ao povo de Blumenau as felicitações e as remessas de chocolate recebidas e em que se resumem, hoje, pela desvalorização da nossa moeda, o auxílio vitalício que lhe fora concedido, por lei municipal, na época de após-guerra. Com a melhoria da situação econômica da Alemanha e a normalização do abastecimento de gêneros, Dona Gertrudes há muito não mais necessita de ajuda em mantimentos, ficando, en-

tretanto, sempre emocionada e agradecida com a atenção e distinção de que é alvo, em memória e homenagem a seu saudoso pai.

8 — Estréia no Teatro Carlos Gomes a "Companhia Guanabara de Comédias".

10 — Uma nota do Gabinete do Prefeito comunica a concessão de Empréstimo, por parte do Banco do Brasil, em condições especiais de financiamento e de maior prazo, aos agricultores que tiveram as suas colheitas prejudicadas pelas últimas enchentes.

10 — Posse da nova diretoria do Sindicato de Trabalhadores em Fiação e Tecelagem.

12 — Realiza-se o entérro da senhora Frieda Husadel, falecida no dia anterior em São Paulo, onde se domiciliara há muitos anos. A extinta era filha de Henrique Clasen (imigrado em 1856) a viuva de Paulo Husadel, ambos propulsores da vida econômica blumenauense e representantes do povo na câmara municipal de Blumenau.

16 — A imprensa noticia com satisfação a volta do sr. dr. Osny Kirsten ao cargo de Delegado da Agência Local do Imposto de Renda que havia sido transferido, no ano passado, para outro setor da autarquia, no Estado de São Paulo.

O verão, sobremaneira benigno nas primeiras semanas do ano, apresenta-se, agora, com uma onda de calor insuportável, atingindo 39° na sombra. A temperatura elevadíssima, entretanto, dura poucos dias, voltando, em brusco declínio à amenidade outonal e que perdura até os primeiros dias de março. Durante os dias restantes do mês e primeiras semanas de abril, ocorre a temperatura de verão, com calor bastante forte, quando, na última semana desse mês, a temperatura baixa deixa prever um inverno bem rigoroso.

20 — Dois novos estabelecimentos de educação publicam horário para matriculas: a Escola Paroquial, junto ao Colégio Santo An-

tônio, só para crianças do sexo masculino; funcionando inicialmente apenas com o primeiro ano preliminar, sob a regência da professora municipal aposentada, Júlia Strzalkowska e o Jardim da Infância "Dr. Blumenau", mantido pela Sociedade de Senhoras Evangélicas do bairro do Garcia.

Tendo ocorrido, a 4 de fevereiro, o 82.º aniversário da lei que criou o município de Blumenau (instalado, porém, somente, a 10 de janeiro de 1883), envia o presidente do I.B.G.E. telegrama de congratulações ao nosso município.

Em choque de caminhão com uma motocicleta na estrada "Jorge Lacerda", perderam a vida dois moradores da nossa cidade, srs. Alberto Schneider e Renato Souza. Outro acidente fatal ocorre no Edifício Schmidt, à rua 15 de novembro, onde ao examinarem dois jovens uma arma de fogo, um deles, Walter Post, de 15 anos de idade, funcionário da seção de controle da Rádio Difusora, foi atingido por um tiro, falecendo ao ser transportado para o Hospital.

Segundo noticiam jornais locais, o deputado Wilmar Dias sugeriu a visita ao Vale do Itajaí de técnicos que, no nosso país, representam a "Aliança para o Progresso", como também a do embaixador americano, sr. Lincoln Gordon dizendo que: "...haveriam de se convencer que, se há região brasileira que merece e faz jus a um investimento definitivo, essa região é o Vale do Itajaí"...

23 — Viajando em jeep, passaram por Blumenau, moços de São Paulo que realizam um "raid de observação", até a capital do Uruguai, colhendo impressões sobre o "modus vivendi" dos habitantes das diferentes regiões percorridas.

24 — A Empresa Industrial Garcia comunica o falecimento de seu diretor Vice-Presidente, sr. Edwin Augusto Hauer. Muito relacionado e benquisto na sociedade local, ao seu entérro, realizado em Curitiba, compareceu grande número de blumenauenses.

Empresa Fôrça e Luz Santa Catarina S. A.

ALAMÉDA DUQUE DE CAXIAS, N.º 63

BLUMENAU — SANTA CATARINA

CAIXA POSTAL, N.º 27

ENDERÊÇO TELEGRÁFICO: FÔRÇALUZ



CONCESSIONARIA dos serviços de fôrça e luz nos municípios de:

Blumenau — Gaspar — Ilhota — Itajaí — Brusque

Indaial — Timbó — Rodeio — Ibirama — Pre-

sidente Getúlio — Rio do Sul — Taió

Rio do Oeste e Trombudo Central

todos da região do Vale do Itajaí.

PROPRIETARIA das Usinas :

“Salto” — 7.000 KW

“Cedros” — 8.000 KW

“Diesel” — 3.000 KW

EM CONSTRUÇÃO :

Usina “PALMEIRAS” — 18.000 KW

Sociedade Beneficiadora de Madeiras Ltda.

COMPRA E VENDA DE MADEIRAS

PARA TODOS OS FINS

Madeiras para Construções



Telefone, 1248

Rua 7 de Setembro

BLUMENAU — Santa Catarina